

O Estendal

Quando o estrangeiro chegou, a mulher esfregava a roupa num tanque, espalhava o sabão com uma força pouco usual, como se estivesse para acontecer uma tragédia. A água era fria e suja, as nuvens andavam depressa lá por cima, ora brancas ora negras, ao sabor do vento.

O estrangeiro trazia um bloco e procurava as pessoas que, tinham-lhe dito, iria encontrar naquele lugar. Devia dirigir-se ao sítio onde se lavava a roupa e se estendiam os lençóis porque era ali que os homens costumavam ir espreitar as mulheres e era também ali, junto a umas pedras, que se faziam os filhos num instante. Tudo tinha de ser feito rapidamente e anotado no bloco, nada de gravações ou fotografias porque, não muito longe, talvez a dois quilómetros, a guerra continuava, os massacres não tinham fim e toda a gente cavava buracos até ao anoitecer para que os mortos tivessem a sua sepultura ainda de dia.

A mulher, uma única mulher, ouviu o estrangeiro falar, perguntar, gesticular, mas não conseguia tirar os olhos do sabão. Ajeitou os cabelos com o braço direito, apertou um pouco a saia na cintura com as mãos, mas os seus olhos só fixavam a água ou o estendal, sem nunca olhar para ele, sem nunca reparar que o estrangeiro tinha apenas um olho.

“Eu sou guionista”, disse ele.

Havia dois dias que não encontrava viva alma, somente tabuletas com setas e nomes que não entendia, umas na direção do Norte, outras do Sul. Ficou sem saber para que lado era o mar e para que lado eram as montanhas. E também sem perceber se naquele lugar existiam lagos, cascatas, moinhos, pastagens, tudo aquilo de que necessitava para o seu filme. E também sem saber quando chovia, se costumava haver tornados, granizo.

“Preciso de escolher as paisagens.”

A mulher torceu os lençóis, bateu com eles na barreira uma vez mais e dirigiu-se ao estendal. Ainda não olhara para o estrangeiro, ainda não fixara o seu único olho, um olho bem azul que se destacava no rosto dele porque a sua boca e o seu nariz eram pequenos como os de uma criança e os dentes eram escuros, de alguém que fuma em excesso, que masca tabaco.

O estrangeiro seguiu-a, deixando um mínimo de distância entre os dois. Olhava para o chão enquanto caminhava. Tinha medo dos insectos. Queria também saber quantos mortos já tinham sido contados, quantos se conseguiam enterrar por dia, qual a idade deles, se eram homens, velhos, crianças ou mulheres. E como haviam sido mortos, se com espingardas, com catanas, com paus. Se lhes cortaram os braços, as cabeças.

“Mas não encontro ninguém que me possa elucidar.”

Uma chuvinha começara a cair e o estrangeiro reparou que o chão mudara de cor. A terra já não era amarela e as flores tinham perdido o branco das pétalas. E também o cabelo da mulher havia mudado de tom e os lençóis abanavam de uma maneira estranha, como se dançassem e nessa dança escorressem um líquido castanho-escuro parecido com o sangue. Todo

o chão estava agora vermelho e mexia. A mulher, indiferente ao movimento da terra, voltou para o tanque e iniciou um novo ciclo de lavagens, camisas, calças, calções, meias, casacos. Toda a roupa estava empilhada num grande caixote de cartão. E, enquanto a ia tirando, pegava em pequenas bonecas que vinham escondidas no meio da roupa e lançava-as para longe, para um espécie de mato onde estavam escondidos cães e ovelhas, algumas cabras, todos muito magros, devorando-se entre si. Foi nesse momento e só nesse momento que a mulher sorriu, mas sorriu para o lado oposto àquele em que o estrangeiro se encontrava, para uma zona vazia, sem árvores, sem cereais, sem girassóis, uma zona negra, queimada talvez por uma bomba, porque fumegava levemente.

O estrangeiro estava perdido, não era aquele o caminho que o seu mapa indicava. Segundo o papel, ali deveria estar uma clareira e uma dúzia de árvores, seis casas e uma escola. Ninguém lhe havia falado num estendal, nem na existência de rebanhos, nem de cães. Haviam-lhe dito que os tinham comido, que não havia mais nada, nem farinha, nem açúcar, nem azeite, apenas pedras. O produtor do seu filme assegurara-lhe que só havia calhaus e que mesmo esses tinham sido chupados pelas pessoas, mas que elas tinham sobrevivido aos massacres. O guionista afirmara que apenas queria filmar as pedras, o sítio onde se faziam os filhos.

A mulher largou a roupa, parou um pouco, com os braços apoiados no tanque e começou a cantar, baixinho, um canto parecido com um gemido, um som muito fino e rouco que atravessava o peito e depois a garganta e saía contra os lábios que ela pressionava com a língua, sem se saber se queria que esse canto se transformasse em alegria ou em choro. O som saía na direcção da roupa molhada e o estrangeiro reparou que a água do sabão se transformava em grandes bolas que voavam até ao estendal e rebentavam no ar, como se aquilo fosse já

uma imagem do seu próprio filme, uma imagem que ele havia já anotado no bloco e que dizia,

Após um grande plano numa zona de pedras, habitado por sardões, a imagem segue os passos de um camponês calçado com umas botas cardadas. Nunca se lhe vê a cara e, a seguir, alguém agita a água de um charco, batendo com um pau. Nesse momento, no meio de uma onda de mosquitos, sobem bolas de sabão para o céu e dezenas de crianças correm de braços no ar a tentar apanhá-las. Correm, correm até um descampado onde existe um grande estendal.

O estrangeiro ficou longo tempo em silêncio. A mulher voltou a sacudir a roupa, a esfregá-la. Depois cheirava-a e beijava-a, num ritual que ele não conseguia compreender. Porque o que se estava ali a passar à sua frente, aquelas imagens tão absurdamente nítidas que o seu único olho conseguia vislumbrar, eram as imagens do seu próprio filme, o filme que ele tinha a intenção de rodar naquele lugar.

E foi nesse momento, no exacto momento em que decidiu partir, frustrado e zangado com o silêncio da mulher, que o estrangeiro reparou que o estendal estava cheio de crianças, ainda recém-nascidas. Todas juntas, umas ao lado das outras, muito quietas, penduradas com molas, a secar.

O Último Parente de Justino

A última vez que Justino foi visto, avançava em passo lento pela alameda do cemitério, encostado à fila esquerda dos ciprestes onde se localizam os jazigos mais antigos. Ia atrás do cortejo com uma flor encardida na mão, reparando no nome dos mortos.

Era um domingo. A cova aguardava um parente directo de Justino, um velho tio que combatera em África e se dedicara a coleccionar moedas de estadistas. Não cumprimentou ninguém, não chorou. Apenas de longe, como era seu ritual, lançou uma flor num golpe certo, enfiando-a mesmo no centro do caixão.

— Consegui, tudo fica, portanto, como dantes.

Este gesto, repetia-o Justino há mais de quatro gerações. Pela sua idade tinham passado filhos, sobrinhos, primos, genros, pais. Enviudara cedo, durante a guerra, devido a doença grave que se abateu sobre a família. Concertava rádios e outros objectos. Na sua casa encontrava-se o maior museu de telefonias do país.

Justino não convivia. Tudo se resumia a um quarto, uma gaiola, uma cozinha com varanda e a sala das telefonias. Era ali que ele passava os seus dias de solitária viuvez. Sentado